

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? | LIBERDADE

3 e 19 de Agosto de 2024

THE KISS / 1896

um filme do CATÁLOGO THOMAS EDISON

Realização, Produção: William Heise (catálogo Thomas Edison, Estados Unidos, 1896) *Interpretação:* May Irwin, John C. Rice *Produção:* Estados Unidos, 1896 Cópia: digital a preto-e-branco, muda, sem intertítulos 39 segundos *Títulos alternativos:* The May Irwin Kiss, The Rice-Irwin Kiss, The Widow Jones.

The Kiss é apresentado com *Le Déjeuner sur l'herbe* de Jean Renoir ("folha" distribuída em separado)

Entre os factos e as lendas, imprimem-se as lendas, é um ensinamento dos bailes e dos cactos de John Ford no *The Man Who Shot Liberty Valance*, em que Vera Miles beija e não beija John Wayne e James Stewart. Imprimiu a lenda que *The Kiss*, o *The Kiss* do catálogo Thomas Edison de 1896, é de facto o primeiro beijo filmado da História do cinema enquanto, outro lado do Atlântico, os motivos dos filmes pioneiros estavam a ser inventariados nos catálogos das vistas Lumière e das prestidigitações Méliès. William Heise filmou May Irwin e John C. Rice no estúdio Black Maria de Thomas Edison, em Nova Jérsea, associando o contacto íntimo dos lábios e da pele de duas pessoas a uma filmagem nos primeiros estúdios de cinema americanos. Uma encenação para a câmara: a encenação da cena final do musical *The Widow Jones*, anunciada com tambores no catálogo Edison – “Prepararam-se para se beijarem, começaram a beijar-se, e beijaram-se e beijaram-se de uma maneira tal que a casa vem sempre a baixo.” O *New York World* reportou uma “anatomia de um beijo” e a ideia visionária de que o “beijo cinetoscópico tem possibilidades ilimitadas”.

Terá havido escândalo, ou tanto quanto, porque no século XIX o espaço público não era para beijos. Houve réplicas, era costume com o cinematógrafo ou com o vitascope, cujas projecções de demonstração terão apresentado pela primeira vez o beijo. Um casal em grande plano, cerrado um no outro, prepara-se para o beijo, cofiando o homem o bigode no instante antes de beijar a mulher nos lábios. Foi matriz de, por exemplo, *Something Good*, *Negro Kiss* (1898) ou *The Kiss in the Tunnel* (1899), e o próprio Thomas Edison o reinventou em *The [New] Kiss* (1900) e *The Seven Ages* (1905) realizado por Edwin S. Porter para a Edison Manufacturing Company, desta feita multiplicando casais, beijos e abraços. Ainda não se vislumbrava *Notorious* ou *Spellbound* de Hitchcock, *The Quiet Man* de Ford, *The Big Parade* ou *Duel in the Sun* de Vidor, *A Kiss Before Dying* de Gerd Oswald, *Kiss Me Deadly* de Aldrich, *The River* de Renoir, *Camille* de Cukor, *To Have and Have Not* de Hawks... títulos de “beijos à cinema” como num lúdico programa dos anos 2000 pelas bandas da Cinemateca. O beijo continua.

Maria João Madeira